



A EMERGÊNCIA DE W.E.B. DU BOIS: O LEGADO DE UM INTELLECTUAL DIASPÓRICO

Carolina Nascimento de Melo¹

Nayhara Almeida de Sousa²

APPIAH, Kwame Anthony. *Lines of Descent: W. E. Dubois and the Emergence of Identity*. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 2014.

Resumo: Muito do que se conhece sobre a vida de W.E.B. Du Bois resume-se ao seu ativismo político pelos direitos civis e contra a segregação, o movimento Pan-Africanista e as lutas de libertação das colônias africanas. A proposta de Appiah (2014) é apresentar a genealogia intelectual e percursos acadêmicos de W.E.B. Du Bois. E dessa forma, mostrá-lo como um dos cânones da Sociologia nos Estados Unidos, bem como um dos percussores do pensamento pós-colonial, e assim suas contribuições para se pensar identidade (negra), comunidade de memória, cultura e cosmopolitismo.

Palavras-chave: W.E.B. Du Bois; Sociologia; genealogia intelectual; identidade; cultura; cosmopolitismo.

THE EMERGENCE OF W.E.B. DU BOIS: THE LEGACY OF A DIASPORIC INTELLECTUAL

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e membra do grupo de pesquisa Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (NEAB/UFSCar). E-mail: melo.n.carolina@gmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Especialista em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diferenças no contexto do ensino de História e Cultura Afro-brasileiras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atualmente é membro do grupo de pesquisa Sociologia e Estudos da Diáspora Africana, vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (NEAB/UFSCar). E-mail: nayhara.almeida.s@gmail.com



Abstract: Much of what is known about W.E.B. Du Bois comes down to his political activism for civil rights and against segregation, the Pan-African movement and the liberation struggles of African colonies. Appiah's proposal (2014) is to present W.E.B Du Bois' intellectual genealogy and academic pathways. And in this way, to show him as one of the canons of Sociology in the United States, as well as one of the postcolonial thought precursors, and his contributions to thinking about (black) identity, community of memory, culture and cosmopolitanism.

Keywords: W.E.B. Du Bois; Sociology; intellectual genealogy; identity; culture; cosmopolitanism.

LA APARICIÓN DE W.E.B. DU BOIS: EL LEGADO DE UN INTELLECTUAL DIASPÓRICO

Resumen: Gran parte de lo que se sabe sobre W.E.B. Du Bois se reduce a su activismo político pelos derechos civiles y contra la segregación, el movimiento panafricanista y las luchas por la liberación de las colonias africanas. La propuesta de Appiah (2014) es presentar la genealogía intelectual y las trayectorias académicas de W.E.B Du Bois. Y de esta manera, mostrarlo como uno de los cánones de la Sociología en Estados Unidos, así como uno de los precursores del pensamiento poscolonial, y sus aportes al pensamiento sobre la identidad (negra), la comunidad de memoria, la cultura y el cosmopolitismo.

Palabras clave: W.E.B. Du Bois; Sociología; genealogía intelectual; identidad; cultura; cosmopolitismo.

L'ÉMERGENCE DE W.E.B. DU BOIS: L'HÉRITAGE D'UN INTELLECTUEL DIASPORIQUE

Résumé: Une grande partie de ce que l'on sait de W.E.B. Du Bois se résume à son militantisme politique pour les droits civils et contre la ségrégation, le mouvement panafricain et les luttes de libération des colonies africaines. La proposition d'Appiah (2014) est de présenter la généalogie intellectuelle et les parcours académiques de W.E.B Du Bois. Et de cette manière, le montrer comme l'un des canons de la sociologie aux États-Unis, ainsi que l'un des percurseurs de la pensée postcoloniale, et ses contributions sur l'identité (noire), la communauté de mémoire, la culture et le cosmopolitisme.

Mots-clés: W.E.B. Du Bois; Sociologie; généalogie intellectuelle; identidade; culture; cosmopolitisme.

Kwame Anthony Appiah, nascido em Londres, em 1954, é um importante filósofo contemporâneo dedicado aos Estudos Culturais e Literários. De 2002 a 2013, foi membro do



corpo docente da Universidade de Princeton, onde trabalhou no Departamento de Filosofia e no University Center for Human Values, além de estar associado ao Center for African American Studies, como também aos Programs in African Studies, Translation Studies e Departments of Comparative Literature e Politics. Em janeiro de 2014, torna-se professor emérito em Princeton, assumindo o cargo de professor de Filosofia e Direito na Universidade de Nova York, leciona nas cidades de em Nova York e em Abu Dhabi³.

No Brasil, há apenas três obras do referido autor traduzidas, a saber: *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura* (1992), *Introdução à Filosofia Contemporânea* (2006) e *O código de honra: como ocorrem as revoluções morais* (2012). Vale destacar que, o autor possui um enorme acervo de publicações consagradas na literatura científica internacional, todavia, no contexto da língua portuguesa, pode-se dizer que são poucas as traduções. Podemos dizer o mesmo sobre William Edward Burghardt Du Bois, cujo qual existem duas traduções apenas uma autorizada⁴. E é justamente com o intuito de mostrá-lo como intelectual que Appiah (2014) escreve *Lines of Descent: W. E. Dubois and the Emergence of Identity*.

W.E.B. Du Bois participou dos momentos históricos mais importantes e determinantes do século XIX e XX. Nasceu em Massachusetts, Great Barrington em 23 de fevereiro de 1868, no período intitulado de Reconstrução americana. Estudou na Fisk University e Harvard, onde se graduou em História. Fez pós-graduação na Universidade de Berlim, entre 1892-1894, e concluiu seus estudos em Harvard. Foi um dos fundadores da National Association for the Advancement of Colored People, em 1910, e da *American Black Academy*. E, já no final da vida, se juntou ao Partido Comunista e foi viver seus últimos anos em Gana, recém independente. Seu último escrito, foi uma carta encorajada aos organizadores da Marcha de Washington. Du Bois faleceu um dia antes da Marcha, em agosto de 1963.

³ Para mais informações sobre a vida e obras de Appiah podem ser consultadas em seu site, no endereço eletrônico: <http://appiah.net/>

⁴ DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. São Paulo: Lacerda, 1999.



Os esforços de Appiah, no livro *Lines of Descent*, estão voltados para traçar tanto uma genealogia intelectual quanto as contribuições para as ciências humanas e sociais da contribuição de W.E.B. Du Bois. Appiah (2014) assinala ser importante manter em mente o contexto acadêmico em que W.E.B. Du Bois foi formado e as experiências que vivenciou, pois isso influenciará sua obra e auxilia em sua argumentação sobre a importância de Du Bois para a Sociologia.

Sua relevância pode ser exemplificada pela obra *The Philadelphia Negro* (1899), que é, sem dúvida o primeiro estudo científico sobre a população negra americana com uso de métodos e técnicas estatísticas modernos. E, também, pela obra *The Souls of the Black Folk* (1903), ao afirmar que o problema do século XX seria o da *linha de cor* metáfora que antecipa em mais de um século uma forma de pensar a persistência das desigualdades raciais. Portanto, *Lines of Descent: W. E. Dubois and the Emergence of Identity* é de suma importância para a compreensão das abordagens dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. A recepção dessas áreas de estudos tem se ampliado, sobretudo, por meio alguns poucos trabalhos traduzidos de autores como Stuart Hall, Hommi Bhabha, Paul Gilroy, entre outros os quais direta ou indiretamente tiveram contato com os estudos realizados por W. E. B. Du Bois.

Como o título da obra indica a questão central de Appiah (2014) gira em torno do conceito de identidade. Du Bois foi o primeiro pensador nascido no século XIX a compreender raça como uma construção social, em um período onde a eugenia era tida como uma ciência que comprovava a superioridade de determinadas raças em detrimento de outras.

Outro aspecto relevante para o entendimento do projeto intelectual de Du Bois encontra-se em sua concepção da existência de comunidade de memória. É a partir dessa concepção Du Bois se aproxima de uma noção de raça que nada tem a ver com o biológico e que atualmente chamamos de identidade social. E esse ponto nos possibilita pensa-lo como um autor clássico da Sociologia. Como querem as abordagens dos Black Studies, dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais que compreendem a identidade como uma construção social, produzidas dentro de um contexto e conjuntura, permeados por negociações, disputas e legitimações.



Tendo isso em mente, no capítulo *The Awakening* [O Despertar], Appiah (2014) mostra a chegada de Du Bois na Europa, em 1892, para continuar sua formação na Universidade de Berlim, na época a maior universidade do II Reich. Em sua carta de apresentação para angariar a bolsa de estudos do *Slater Fund*, Du Bois se propôs “estudar cientificamente a questão dos negros do passado e do presente, visualizando a melhor solução” (DU BOIS, 1973, p. 25 *apud* APPIAH, 2014, p. 37, tradução nossa). Para tanto Du Bois se filia à *Escola Histórica*. Diante das propostas apresentadas sua aposta era traçar um fio condutor entre a metafísica hegeliana, a epistemologia kantiana e o historicismo herderiano. Crê-se que o investimento nessa perspectiva epistêmica se deu devido ao fato de muitos de seus professores de Harvard terem estudado em Berlim.

A ideia era se opor a leis eternas e atemporais, entendendo a natureza contingente e provisória das heranças culturais e sociais, tendo os sistemas éticos como resultados das atividades sociais. Du Bois conviveu, por exemplo, com Adolf Vagner, August Meitzen, Gustav von Schmoller e Rudolf Gneist, entre outros. A *Escola Histórica* representava a união entre engajamento político e uma abordagem dos fatos com a lupa da História Social e Econômica, alicerçados por uma ética e moral que tentava conciliar o individual e o coletivo.

Além disso, em Berlim, pela primeira vez, ele não conviveu com a crueldade e insultos racistas diários. Segundo o próprio Du Bois, a Alemanha era “(...) a terra que eu conheci brancos que me trataram como um ser humano” (Du Bois, 1920 *apud* Appiah, 2014, p. 28). As pessoas gostavam de conhecê-lo e conversar com ele e, provavelmente, foi lá que não se viu enclausurado pela sua raça e confinado na estreiteza dos preconceitos raciais de seu país de origem (APPIAH, 2014).

O que chama sua atenção e representa sua paixão intelectual pelos pensadores que conheceu em Berlim, entre outras, são: a economia como resultado de visões éticas de vários atores econômicos (família, comunidade, mercado, Estado) e produto de forças sociais e históricas; a necessidade de análises mais completas sobre os seres humanos que não os tratassem como meros *homo economicus*; a importância de acesso a bens culturais, *Bildung*⁵

⁵ Conceito que diz respeito a formação educacional como um processo para se almejar a completude humana. Mais que isso, diz respeito ao processo de formação da sociedade alemã e da preocupação constante com a educação, formação do indivíduo e cultura nacional. Para aprofundar o tema, recomenda-se a leitura dos



e a riqueza como objetivo da humanidade, alicerçados a partir da luta/esforço e ética humana. E, principalmente, como a raça e a cultura eram trabalhadas como forças motrizes na História.

Já no capítulo *Culture and Cosmopolitanism* [Cultura e Cosmopolitismo], Appiah (2014) nos traz a importância do romantismo alemão e o processo de unificação alemã para muitos pensadores que informam o trabalho de Du Bois. Nesse contexto, muito se era debatido sobre como pensar uma unidade através da cultura, bem como o *espírito* de cada grupo, comunidade ou nação, como será apresentado adiante. Assim, Du Bois absorve a noção de individualidade (não individualismo) de Herder, mas também a de vida espiritual das nações, povos, grupos ou comunidades que podem ser encontradas tanto em escritos canônicos como em cantigas, folclore, músicas populares, entre outros. O ponto mais importante é que cada povo [*volk*] possa se expressar em sua diferença e em sua história. Deve-se reconhecer o quão diferente é a vida interior de cada povo e cada *volksgeist* [espírito do povo] como distinto e válido para a humanidade no geral. Essa influência é perceptível no clássico *The Souls [Geister] of the Black Folk [Volk]* publicada em 1903. Du Bois argumenta que essa alma ou espírito das pessoas negras se encontram expressas nos *spirituals*, música de lamento dos afro-americanos escravizados.

Outro ponto de afinidade com a teoria herderiana é a dimensão moral do *cosmopolitismo*. Tanto o cosmopolitismo quanto o nacionalismo fizeram parte de inúmeros debates no século XIX e, por vezes, estiveram lado a lado, tendo como base a noção de *Humanität* [Humanidade]. Em outras palavras, os debates giravam em torno de que cada grupo social tem seu centro de felicidade em si e respeitar isso seria respeitar a própria humanidade. Segundo Du Bois, para o avanço do *Geister* das pessoas negras seria necessário muito *striving* [esforço/luta] individual e coletivo. Segundo Appiah (2014,), isso corresponde “a ideia da vida como uma luta pelo infinito, uma busca para transcender a inevitável resistência do mundo (...)” (tradução nossa).

seguintes artigos: *Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural)*, da professora de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rosana Suarez (2005) e o *Uso da cultura no Romantismo Alemão*, do professor de Sociologia da IFCH/Unicamp, Michel Nicolau Netto (2014).



Mesmo que a obra *The Souls of the Black Folk* reflita sobre a vida negra nos Estados Unidos, Du Bois pensa no papel do negro não no país, mas no mundo. Que o “sangue” negro tem uma mensagem não apenas para os EUA, mas para o mundo (APPIAH, 2014), evidenciando a tendência cosmopolita de Du Bois e sua tentativa constante de ser global. Outro aspecto, entre tantos, de aproximação entre Du Bois e Herder é a noção de *desenvolvimento* composto por duas dimensões: o desenvolvimento das culturas como um todo e o desenvolvimento das pessoas na cultura. O sentido atribuído ao termo desenvolvimento é o mesmo que *Bildung*.

Para Du Bois, como apresentado, o indivíduo era inseparável da comunidade, sendo contrário à filosofia individualista da Declaração da Independência Americana. Pois, para ele:

a história do mundo é a história, não de indivíduos, mas de grupos, não de nações, mas de raças, e aquele que ignora ou procura substituir a ideia de raça na história humana ignora e substitui o pensamento central de toda a história” (DU BOIS, 1897 *apud* APPIAH, 2014, p. 77).

Por fim, de Wilhelm Dilthey Du Bois apropria-se da perspectiva que nega o modelo das Ciências Naturais e suas leis imutáveis transportadas para as Ciências Humanas. Isso explica a tentativa constante de se disciplinar o pensamento e a experiência, tentando entender [*verstehen*] os fatos, as relações sociais, e raciais, sem utilizar as leis naturais das ciências biológicas (Appiah, 2014, p. 78).

No terceiro capítulo, *The Concept of the Negro* [O conceito do Negro], Appiah (2014) aponta que a primeira discussão sobre raça na obra de Du Bois se deu no texto *The Conservation of Races*, de 1897, no momento em que as teorias eugênicas e racistas ganhavam cada vez mais força. Sua concepção sobre raça, como citado acima e se distanciando das teorias predominantes, não era sobre as diferenças naturais como, por exemplo, de cabelo e traços, mas sim sobre as: “(...) que têm silenciosamente, mas definitivamente separado os homens em grupos” (APPIAH, 2014, p. 85, tradução nossa). Desse modo, a raça era importante porque permitia que as pessoas trabalhassem juntas com propósitos em comum (APPIAH, 2014).



Dando continuidade à apresentação das ideias de Du Bois, no quarto capítulo, denominado *The Mystic Spell* [O Feitiço Místico], Appiah (2014) demonstra como a influência de culturas africanas ganhou outras rotas ao chegarem aos Estados Unidos. “*O feitiço místico da África está e sempre esteve sobre toda a América*”, escreveu Du Bois em 1908 (*apud* APPIAH, 2014, p. 119, tradução nossa). Appiah (2014) afirma que Du Bois (1908) se debruça sobre a produção de ideias para ir além do feitiço místico para uma História real do negro.

Para Du Bois, portanto, definir a África era definir quem seriam os negros, em um movimento de contestação das tradições acadêmicas que afirmavam que o continente africano não tinha História. Desta maneira, o interesse de Du Bois pela História Africana decorre de sua preocupação em entender um suposto “dom espiritual” que seriam remetidos aos negros. De modo que, se pudesse ver a África com “o olho do historiador e sociólogo” – expressão presente na obra *The conservation of races* (1897) - encontrar as chaves para desvendar o segredo da identidade negra e, portanto, parte da resposta à sua busca interminável de entender quem ele era.

Neste processo, África e raça deixam de ser conceitos prontos e fechados, que partilhavam uma história mística de origem e passam soar como contraditórios. Os vínculos de uma herança social que une africanos e seus descendentes na América se dão sob uma memória longa de um desastre comum. Du Bois escreve em *Dusk of Dawn* que:

A raiz principal se rompeu. Raça não era o que o liga à terra de seus ancestrais sombrios; era apenas um ‘conceito americano’. Em momentos como esses, a África não está mais se acostumando com a ideia do negro do que com seus limites. O ‘feitiço místico’ havia sido quebrado (DU BOIS, 1940, p. 65-66 *apud* APPIAH, 2014, p. 142).

Por fim, no capítulo final, Appiah (2014) esmiúça os conceitos de identidade e comunidade de memória. O autor nos informa que as identidades são nominais, normativas e subjetivas e isso explica porque sociologicamente apontamos as identidades como socialmente construídas.



As identidades são nominais por dependerem da existência de rótulos. Isso ocorre porque as pessoas respondem aos outros e pensam em si mesmas por meio desses rótulos. Identidades são também subjetivas por terem um papel crucial no projeto da individualidade, que significa a criação de uma vida humana distinta. Então, a história moderna da identidade coloca em evidência as classificações como nacionalidade, raça, gênero são nominais, normativas e subjetivas.

Dessa maneira, as reflexões de Du Bois aparecem como matriz dessa concepção de identidade social e plural. Pois, o referido autor partilhava da perspectiva de George Herbert Mead, considerado fundador do “interacionismo simbólico”, sobre as identidades. E nesse contexto é que temos um alicerce de algo muito similar à concepção moderna de identidade como posta nos Estudos Culturais. Du Bois, portanto, foi um dos pioneiros a situar e desvendar o sentido de uma identidade social: a do negro. Em Du Bois, a raça é produzida nos processos sociais e através deles, assim, da mesma forma que nos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. E dentro dessa concepção plural de identidade os indivíduos podem ser considerados, para além de suas identidades nacionais, por uma identidade cosmopolita, como seres humanos, cidadãos de um mundo compartilhado. Du Bois entendeu isso no final do século XIX e início do século XX.

E a partir dessa noção de identidade que Du Bois trabalhou com a ideia de “memória longa” que poderia unir os negros em seus diferentes contextos. A ideia de “memória longa” auxilia a contestar a ideia de nação que ignora o passado estruturado em grande parte pela subordinação racial, pois o esquecimento surge como ponto central para a criação de uma nação. Assim, a ideia de uma “memória longa” seria um ponto importante para produzir uma coletividade entre pessoas negras. No caso alemão, o conceito de *comunidade de memória* esteve associado a uma unidade no singular, Du Bois o coloca no plural. Portanto, o conceito serve para situar onde cada membro partilha dos mesmos eventos passados, de modo que, essas memórias sejam aceitas e partilhadas por todos os membros. E vai além, pois os membros podem se aproximar por partilhar uma projeção de futuro.

Em conclusão, para Du Bois a identidade negra, como a identidade americana, não precisa ser enraizada em aspectos biológicos nem em um caráter moral compartilhado. A



identidade pode situar-se em um lugar de identificação com sua história. A África era o lar dos negros, não apenas no sentido de que era de lá que os negros originalmente vieram, mas no sentido de que histórias de um passado comum na África podem refletir na vida subjetiva de pessoas negras. Uma vez que, Du Bois, entendeu o negro como uma construção social e histórica, o significado da ascendência africana não precisou estar nos genes. Todavia, os significados dessa ascendência poderiam estar nas tradições culturais ou nas identidades negras ou afro-diaspóricas ao redor do mundo. Na medida em que pessoas negras compartilham uma identidade comum e que esta identidade está narrativamente enraizada na África, o que acontece na África afeta essas pessoas em toda parte, seja por meio de suas próprias identificações ou através das opiniões dos outros.

Isso nos aproxima das concepções de identidade e diáspora atuais, discutidas nos Estudos Pós-Coloniais e Estudos Culturais. Mas também coloca Du Bois como um dos principais colaboradores, quando não o primeiro, no alicerce das Ciências Humanas modernas, pois ele inaugura discussões valiosas até hoje nessa grande área, influenciando o fazer científico e metodológico, situando-o como um pensador clássico para Sociologia.

Atualmente, sua influência intelectual é indiscutível. Du Bois é o primeiro ex-aluno a receber um memorial na Universidade de Humboldt, antiga Universidade de Berlim. Uma das maiores honrarias da Universidade de Harvard recebe o nome de medalha de W. E. B. Du Bois.

Recebido em 25/06/2020

Aprovado em 15/08/2020